



AMPLIANDO O OLHAR: COMPOSIÇÃO NA FOTOGRAFIA COM O CELULAR NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Pedro Henrique Feitoza da Silva ¹
Antônio Geovane Monteiro de Queiroz ²
José Maximiano Arruda Ximenes de Lima ³

RESUMO

Este relato de experiência descreve a vivência do autor como bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), do subprojeto de Artes Visuais/IFCE, desenvolvido na Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza/CE. A presente pesquisa em ensino de Arte foi conduzida sob uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, no formato pesquisa-ação. O objetivo desse artigo foi investigar como a fotografia com o celular pode ser utilizada como recurso didático para o estudo dos princípios da composição visual no ensino de Artes Visuais. Para alcançar este objetivo, a proposta foi definida em três etapas, realizadas ao longo de quatro semanas, com aulas de 50 minutos: primeiramente, uma prática livre de fotografia, na qual os estudantes registraram imagens antes da introdução teórica sobre composição; na semana seguinte, ocorreu uma aula teórico-prática dedicada à exploração e aplicação dos fundamentos compositivos; e, por fim, nas duas últimas semanas, uma exposição das imagens produzidas pela turma. São relatadas as etapas desenvolvidas ao longo da atividade educacional, abordando conteúdos específicos sobre composição, fotografia e o ensino de Artes Visuais, bem como os resultados obtidos durante a experiência. Os dados foram coletados por meio de um questionário com 14 perguntas, aplicado a 37 estudantes do 2º ano, juntamente com as produções e a exposição artística, sendo analisados à luz de Barbosa (2014), Dondis (2007) e Sontag (2004). Conclui-se que o uso da fotografia com o celular configura-se como uma prática educacional relevante, capaz de ampliar o olhar perceptivo dos alunos, além de se constituir como um meio estimulante para se produzir e refletir sobre as imagens do cotidiano.

Palavras-chave: Composição, Fotografia, Celular, Ensino, Artes Visuais.

¹ Bolsista PIBID/Artes Visuais/IFCE e Graduando pelo Curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, pedro.feitoza03@aluno.ifce.edu.br;

² Supervisor/PIBID/Artes Visuais/IFCE. Mestre em Artes, Universidade Federal do Ceará - UFC, profgeovaneartes@gmail.com;

³ Coordenador da área de Artes Visuais/PIBID/Artes Visuais/IFCE e Doutor em Artes, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, max@ifce.edu.br;



INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, é forte a presença de imagens capturadas pelo aparelho celular, que circulam pelas redes sociais em milésimos de segundo, como um verdadeiro bombardeio de informações em massa. Sendo essas representações um elemento cultural e cotidiano em nossas vidas, evidencia-se uma necessidade educacional básica: aprender a criar e decodificar estas informações. Sobre essa questão tão pertinente nos dias atuais, Zagonel (2013, p. 228) aponta que “na perspectiva da superação do analfabetismo crônico a que estamos submetidos, extrair das imagens os seus significados potencializa as habilidades de ver, julgar e interpretar”. Em busca de contribuir com essa superação, este estudo teve como objetivo investigar como a fotografia com o celular pode ser utilizada como recurso didático para o ensino dos princípios da composição visual; além disso, explorou os elementos dessa linguagem com os alunos, estimulou a produção artística a partir do cotidiano da escola e o olhar crítico por meio das obras produzidas.

A pesquisa foi desenvolvida como relato de experiência, a partir de uma abordagem qualitativa e do tipo pesquisa-ação. Tal desafio foi articulado durante a atuação do bolsista no PIBID, na Escola de Ensino Médio Profissionalizante Joaquim Nogueira, em Fortaleza, Ceará. As vivências pedagógicas aconteceram em encontros semanais com uma única turma, composta por estudantes de 15 a 17 anos, por meio de aula teórica e de prática fotográfica, além de aplicação de um questionário com os estudantes, possibilitando uma troca significativa de experiências.

Para embasar esta pesquisa, foram utilizadas as contribuições teóricas de Dondis (2007) e Lopes (2020) nos campos da composição visual; de Sontag (2004) e Flusser (2000) na análise histórica da fotografia; e de Barbosa (2014) no campo educacional das Artes Visuais.

Os resultados alcançados deste relato evidenciam um aperfeiçoamento no olhar perceptivo dos participantes, especialmente na capacidade de produzir imagens de maneira mais consciente e sensível. Dessa forma, reafirma-se o potencial da fotografia com o celular como instrumento de formação estética e reflexiva no ensino de Artes Visuais.



METODOLOGIA

A presente pesquisa em ensino de arte foi desenvolvida sob a abordagem qualitativa, na qual Neves (1996) discorre sobre este tipo de pesquisa como a junção entre uma sistematização racional e intuitiva, capaz de auxiliar na compreensão dos eventos. Trata-se também de um estudo de caráter exploratório e descritivo. Conforme Vieira (2010), este tipo de pesquisa exploratória não tem o objetivo de chegar a conclusões definitivas, mas sim de proporcionar uma compreensão inicial e possibilitar que essas questões possam servir a investigações futuras. Ainda de acordo com o autor, a pesquisa descritiva vai além da etapa exploratória, pois busca identificar conexões entre os elementos analisados. No presente trabalho, isso se traduziu na organização das informações obtidas para evidenciar como os alunos reagiram antes e depois das aulas teóricas e práticas. Além disso, o estudo assume o formato de pesquisa-ação (Thiollent, 2011), que se caracteriza por uma investigação prática realizada em contexto real, voltada à resolução de um problema coletivo, contando com o envolvimento tanto dos pesquisadores quanto das pessoas incluídas na situação observada. Desse modo, a pesquisa teve como objetivo investigar como o celular pode ser utilizado para fins didáticos, favorecendo o ensino dos princípios da composição visual na fotografia. Em quatro encontros presenciais, de 50 minutos cada, tivemos a oportunidade de vivenciar teoria e prática, divididos em períodos na sala de aula e ao ar livre, dentro do espaço escolar.

A principal fonte de coleta de dados foi o questionário online, composto por 14 perguntas mistas, aplicado aos 37 alunos da turma, com idades de 15 a 17 anos. Esse colhimento de informações foi adotado somente após as práticas da segunda aula e buscou estimular a reflexão sobre as atividades desenvolvidas até aquele momento. Outras formas de análise também foram utilizadas, como as imagens registradas pelos estudantes, que se mostraram fundamentais para a verificação dos resultados. Além disso, durante os quatro encontros, empreguei como ferramentas complementares a observação direta e o diário de bordo, nos quais registrei aspectos comportamentais e comentários dos discentes sobre as ações no geral. Por fim, o momento da exposição, também de grande relevância, ocorreu no terceiro e quarto encontros, quando os estudantes puderam apresentar suas produções e refletir sobre as dos colegas.



Os depoimentos foram organizados por uma mesma temática, especificamente a pergunta nº 6 do questionário online, e interpretados segundo os referenciais teóricos, sendo selecionados de acordo com sua importância para os rumos da investigação, independentemente de concordância ou divergência em relação à prática vivenciada. O bolsista atuou como professor e mediador das atividades do projeto, conduzindo das aulas, observando os alunos durante as práticas fotográficas, registrando anotações no diário e aplicando o instrumento de coleta de dados, além de acompanhar as ações da exposição. Os dados foram analisados de forma qualitativa e descritiva, buscando encontrar diferentes percepções acerca das respostas obtidas.

COMPOSIÇÃO VISUAL NA FOTOGRAFIA

Präkel (2010) define a composição fotográfica como um ato de reunir diversos elementos visuais de forma a alcançar um objetivo estético ou comunicativo. Para ele, as melhores imagens são a combinação de uma excelente técnica e do uso de uma organização bem construída, sendo essencial que o fotógrafo desenvolva um senso apurado e harmonioso. Para isso, cita exemplos e práticas que podem tornar o ato de compor algo cotidiano, como no trecho a seguir:

Quando falamos, não pensamos conscientemente na gramática da nossa língua; do mesmo modo, precisamos praticar a composição até que ela se torne algo totalmente natural. Podemos fazer isso experimentando com elementos formais isolados e examinando o maior número possível de imagens com boas composições. (PRÄKEL, 2010, p. 8).

É interessante pontuar que o autor entende que a composição fotográfica é uma gramática indireta de uma linguagem visual, e seus elementos formais – linha, formatos, tons, formas, texturas, padrões e cores, formam uma espécie de vocabulário. Dondis (2007) difere quanto à indicação completa desses elementos. Para ela, o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento constituem um vocabulário essencial na construção de uma informação visual forte.



Em se tratando desses elementos visuais, segundo Lopes (2020), não é tão simples criar imagens e estabelecer uma afinidade com esses componentes. De acordo com a autora, o artista tem a vantagem de manter contato desde cedo com essas visualidades, além de ter um olhar treinado e intuitivo. Já para pessoas que não têm muita familiaridade, essa tarefa se torna complicada. Por isso, percebe-se a necessidade de experimentar cada vez mais a prática de ver e produzir esses registros em sala de aula.

Embora cada autor enumere e conceitue os elementos da linguagem visual de forma diferente, é importante pontuar que eles formam uma base essencial para a criação e leitura de diversas obras de arte na pintura, desenho, escultura. “São muitos os pontos de vista a partir dos quais podemos analisar qualquer obra visual; um dos mais reveladores é decompô-la em seus elementos constitutivos, para melhor compreender o todo” (DONDIS, 2007, p.52).

Na fotografia podemos utilizar esses mesmos elementos formais e categorizá-los como elementos da composição. São nomenclaturas que servem como regras a fim de que determinada imagem encontre emoção, equilíbrio, e transmita uma mensagem. Diante de tantas outras diretrizes, para este projeto utilizei os seguintes recursos: Regra dos terços, simetria, preto e branco, perspectiva, cor, linhas, molduras e curvas. Escolher esse método para compor imagens fotográficas, a meu ver, é o primeiro passo, mas o objetivo principal é desenvolver no estudante a capacidade de criar representações de forma intencional, consciente e significativa.

O USO DA FOTOGRAFIA COM O CELULAR

Flusser (2002) analisa o significado de “aparelho” partindo da etimologia latina *apparatus*, que tem origem nos verbos *adparare* e *praeparare*, e o descreve respectivamente como algo pronto e disponível para uma finalidade. Assim são os aparelhos celulares na atualidade, os *smartphones*, munidos de diversas tecnologias; frequentemente vendidos com uma câmera embutida, cabendo no bolso da calça e prontos para registrar uma imagem a qualquer momento. Sua presença em meio aos jovens, como os estudantes do nível médio, abre possibilidades pedagógicas, em especial no ensino de Artes Visuais.



No que se refere à produção de imagens, Feuerbach (apud SONTAG 2004, p. 170)

afirma que uma população se moderniza quando suas características principais estão em torno da criação e apreço por esse movimento, o que é um fato inegável da atualidade. Ao analisarmos o mundo contemporâneo, vivemos numa era de grandes produções e o encontro quase involuntário dessas predominâncias imagéticas. Diariamente observamos essa ação nas ruas, nas fachadas dos prédios, nas propagandas impressas e digitais, ou nas fotos publicadas nas redes sociais. Surge, então, a questão: como transformar esse ato de ver, ler e produzir imagens em um recurso educativo nas instituições de ensino, capaz de contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento crítico? Nesse sentido, Dubois (1993) observa que a fotografia é percebida como uma prova indiscutível da realidade daquilo que é apresentado. Essa característica, se explorada no meio escolar, pode estimular a reflexão sobre a relação entre imagem e a verdade, um convite aos alunos que aprenderão a questionar, ler e criar suas próprias representações imagéticas. Dessa maneira, o uso do celular como aparelho de produção fotográfica mostra-se não apenas acessível e democrático, mas também uma potente forma de prática educativa.

O ENSINO DE ARTES VISUAIS

Quando projetei essa atividade com os estudantes, me propus a me inspirar na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que versa sobre propostas de Ensino de Artes Visuais. A partir de sua visão educacional e cultural, Barbosa (2014) descreve passos importantes para extrair informações relevantes em contextos pedagógicos, são eles: a contextualização, a fruição e o fazer artístico, etapas cuja sequência é de escolha do professor, conforme os objetivos da prática educativa. Conforme Rocha e Lima (2021), essa abordagem composta por uma visão “teórico-metodológica”, se apresenta como um meio que integra a formação por meio da arte, além de contribuir para o desenvolvimento do pensamento analítico e reflexivo do aluno. Foi com base nesses princípios que busquei desenvolver nos encontros destinados a experimentar esses conhecimentos teórico-práticos.





No que se refere à contextualização, segundo Barbosa (2014) essa eixo da abordagem tem a função de introduzir o conhecimento por meio da história da arte, de compreender os

fatos que levaram o artista a construir aquele cenário naquele tempo e espaço específicos (BARBOSA, 2014, p. 38). Ao passo que a fruição das imagens, essencial para a leitura das obras, é um instante de deleite, de apreciação estética e de atenção aos elementos visuais. O fazer artístico é o momento da prática, onde os alunos podem realizar suas experimentações baseados nos conceitos estudados e, por meio das suas subjetividades, expressar-se de acordo com o repertório teórico adquirido anteriormente.

O que a arte/educação contemporânea pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público (BARBOSA, 2014, p. 33).

O grande objetivo da abordagem triangular no ensino de arte é justamente esse passeio pelas etapas, que busca promover a compreensão da arte em seu contexto histórico e social, o desenvolvimento do pensamento crítico através das imagens e da prática artística, em que o aluno se torna protagonista, expressando sua visão sobre aquele tema abordado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto foi desenvolvido no âmbito do PIBID – Subprojeto de Artes Visuais/IFCE, em uma escola pública, a EEEP Joaquim Nogueira, instituição de Ensino Médio Profissionalizante, localizada no bairro Parquelândia, em Fortaleza. A intervenção foi realizada com uma turma do 2º ano do curso técnico em Hospedagem, composta por 37 alunos com idades entre 15 e 17 anos. A proposta teve como objetivo geral investigar como a fotografia com o celular pode ser utilizada como recurso didático para o ensino dos princípios da composição visual, ampliando o olhar dos estudantes a partir de uma prática acessível, significativa e conectada ao seu cotidiano.

A experiência pedagógica foi dividida em quatro encontros consecutivos, realizados em semanas seguidas, com duração de 50 minutos cada.





No primeiro dia, na sala de Artes, foi apresentado o projeto aos alunos por meio de slides, explicando sua importância, estrutura e critérios de avaliação. Após essa etapa, propus

uma prática livre, na qual cada participante deveria capturar cinco imagens utilizando o celular, explorando o ambiente da escola que julgasse interessante. O objetivo da atividade era compreender como eles compunham suas ideias intuitivamente, antes de qualquer orientação técnica. Um ponto importante que, até esse momento eles ainda não haviam tido aula de composição de imagem na fotografia. Durante todos os encontros, acompanhei a turma, observando o processo de criação e registrando algumas anotações no diário de bordo. Ao final, realizei uma breve conversa sobre as percepções observadas na atividade. Em seguida, propus aos educandos que enviassem essas imagens para o Google Drive, no qual cada um criou sua pasta para organizar seus arquivos. Todas essas instruções constavam nos slides apresentados na primeira aula.

No segundo encontro, iniciamos novamente na sala de Artes com uma breve aula teórica sobre composição de imagem, por meio de slides preparados com base em livros que abordam o assunto. Além de referências visuais de fotógrafos renomados, como Henri Cartier-Bresson, Diane Arbus e Sebastião Salgado, também incluí reproduções autorais, como forma de aproximar os alunos do olhar do professor e valorizar o diálogo entre vivência pessoal e prática pedagógica. Este foi um momento de contextualização e fruição inspirado na abordagem triangular (Barbosa, 2014), pois proporcionou aos discentes o contato com referências imagéticas e artísticas. Na ocasião, além do contexto da fotografia e das produções dos artistas, exibi conceitos presentes nessa linguagem artística como regra dos terços, perspectiva, simetria, molduras e o uso de cores, destacando como essas regras podem ajudar a organizar visualmente uma imagem. Em seguida, os estudantes foram convidados a realizar novos registros fotográficos fora da sala, agora aplicando intencionalmente os princípios compositivos estudados. A proposta foi de cada aluno produzir mais cinco imagens e, ao final, escolher uma delas para enviar ao Google Drive, aquela que considerasse visualmente mais atrativa. Essa escolha foi intencional, pois as reproduções selecionadas seriam impressas e apresentadas na exposição organizada na aula seguinte. Importante notar que esse eixo do fazer artístico foi primordial para a verificação de mudanças na percepção do aluno. Somada aos outros momentos, essa segunda prática, percebi uma maior atenção dos estudantes quanto





à organização visual, aos enquadramentos e a busca por um elemento predominante, o que revela um avanço no olhar fotográfico. Para complementar, foi aplicado um questionário online com

14 perguntas, para que refletissem sobre o que haviam feito em aula. Perguntas como: “Você costuma fotografar com o celular?”, “Você já conhecia alguma técnica de composição na fotografia?”, e “De que maneira a produção de imagens autorais pode nos ajudar a refletir sobre os nossos espaços de convívio, como a escola?”. Essas e outras questões foram levantadas propositalmente para levá-los a pensar sobre o uso do celular como ferramenta pedagógica.

O terceiro encontro foi dedicado à montagem da exposição e à apresentação oral das obras. A ação foi realizada na sala de aula da turma, onde eles próprios montaram a exposição em formato de varal fotográfico. Cada estudante teve a oportunidade de mostrar sua imagem impressa e comentar qual regra compositiva utilizou. Um dos critérios de avaliação era justamente a capacidade de identificar de forma consciente os elementos da linguagem visual aplicados em suas produções. Como a turma era numerosa, essa atividade foi dividida em dois encontros. Durante as apresentações, observei diferentes níveis de envolvimento: alguns discentes foram breves e objetivos, enquanto outros exploraram com mais profundidade os sentimentos e intenções expressos em suas imagens.

É importante destacar que, em uma etapa anterior à exposição, uma das perguntas do questionário (Questão nº 9) solicitava que os alunos escrevessem um título e uma breve descrição sobre a própria obra. Penso que essa ação os ajudaria a refletir sobre o processo e a compartilhar essa mesma ideia na exposição, que ocorreria em outro momento. É importante destacar que nos parágrafos seguintes, haverá mudanças em algumas denominações para preservar as identidades dos participantes. Foram utilizados nomes fictícios como “funcionários”, “Aluna 1”, “Aluna 2”, “Aluno 3” e “Aluno 4”. A seguir, transcrevi uma dessas respostas como exemplo da potencialidade da aluna em desenvolver um pensamento poético sobre o seu fazer artístico. A foto registrada por ela está na página seguinte.





Título: *Por trás da câmera.* Descrição: “Este é um dos funcionários responsáveis pela limpeza e higiene da escola. Sua presença é silenciosa, mas essencial para manter tudo em ordem, fazendo diferença no nosso dia a dia” (texto da aluna, adaptado para manter a identidade preservada).



Esse momento também se enquadra na etapa da fruição (BARBOSA, 2014), pois o discente além de produtor, torna-se leitor e intérprete de sua própria obra. Ele constrói conhecimento, revela sentimentos, apontando observações sobre seu novo repertório visual e compartilha com seus colegas.

As observações realizadas durante a exposição, somada às resoluções do questionário, revelaram perspectivas valiosas. Na questão nº 6, no qual considero central entre as outras quatorze aplicadas foi: “Você notou alguma diferença entre as fotos feitas na Aula 1 (prática livre de fotografia) e na Aula 2 (teoria da composição e prática direcionada)? Acha que as da segunda ficaram mais interessantes visualmente ou não? Explique”. Entre as respostas, destaque algumas:

“Não, achei que o da primeira aula teve mais a nossa essência”. (Aluna 1)





“A primeira aula foi livre, tivemos a oportunidade de escolher nossa maneira de tirar fotos. Na segunda aula tivemos um direcionamento mais específico”. (Aluna 2)

“Ambas ficam muito bonitas e interessantes, mas a segunda fica um tanto mais visualmente interessante por conta de proporções, cores e composição”. (Aluno 3)

No geral, as 26 respostas positivas indicam que a maioria dos participantes percebeu a diferença entre as fotografias feitas antes e depois da aula teórico/prática. Muitos relataram que

passaram a observar melhor o enquadramento, o espaço da unidade educacional e os detalhes ao redor. Outros destacaram que as fotos “ficaram mais bonitas” ou “mais profissionais”. O Aluno 4, por exemplo, destacou que atividade permitiu “exaltar as partes menos utilizadas da escola, como lugares isolados e de baixa manutenção”.

Esses depoimentos reforçam a ideia de que ensinar composição visual com o uso do celular não apenas favorece a aprendizagem técnica, mas também estimula o olhar sensível e crítico dos alunos sobre o próprio cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades realizadas com a turma de 2º ano de ensino médio profissionalizante mostraram-se relevantes para o desenvolvimento do olhar perceptivo dos alunos e para a compreensão dos princípios da composição visual. A experiência confirma que a fotografia com o celular é um recurso acessível, capaz de ser utilizado como meio educacional nas Artes Visuais, contribuindo para a produção e leitura crítica de diversas obras no âmbito escolar.

A aplicação da abordagem, por meio das práticas livres e a prática direcionada, foi essencial para perceber uma mudança no olhar dos estudantes. Conforme os resultados do questionário, a maioria notou diferença na forma de capturar as imagens após a segunda aula, principalmente no que se refere ao enquadramento utilizado e à percepção do espaço institucional e de seus detalhes que passam despercebidos no dia a dia. Esses depoimentos revelam que o conhecimento teórico-prático de composição na fotografia proporcionou aos





discentes ampliar a sua capacidade de criar concepções de forma intencional, consciente e significativa.

Além disso, a prática pedagógica não se limitou apenas aos elementos técnicos, mas estimulou o olhar sensível e crítico dos educandos sobre o próprio cotidiano e seus espaços de convívio no estabelecimento de ensino. Entre os vários momentos que valeriam a pena destacar, cito o exemplo da Aluna 2, que revelou sensibilidade técnica e poética sobre a sua própria obra, expressa no texto da sua produção: “Este é um dos funcionários responsáveis pela limpeza e higiene da escola. Sua presença é silenciosa, mas essencial para manter tudo em ordem, fazendo diferença no nosso dia a dia”. (texto da aluna, adaptado).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução de Marina Appenzeller. 8. ed. Campinas, SP: Ed. Papirus. 1993.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Relume Dumará, 2002.

LOPES, Ione Guimarães Figueiredo et al. **O potencial da fotografia no ensino da composição visual: uma proposta para alunos do ensino fundamental**. 2020.

PRÄKEL, David. **Composição**. Tradução: Mariana Belio. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

NEVES, José L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 2º sem. 1996. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 7 ago. 2025.

ROCHA, Mírian Soares; LIMA, José Maximiano Arruda Ximenes de. **Ensino da arte na contemporaneidade: a escola como espaço de produção artística**. Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 17, p. e0009, 2021. DOI: 10.5965/19843178172021e0009. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/16315>. Acesso





em:

11

jul.

2025.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VIEIRA, José Guilherme Silva. **Metodologia de pesquisa científica na prática**. Curitiba: Editora Fael, 2010.

ZAGONEL, Bernadete. **Metodologia do ensino de Arte**. Curitiba: Editora InterSaberes, 2013. **Livro eletrônico**. Disponível em: < <https://plataforma.bvirtual.com.br/> > Acesso em: 4 out. 2025.

